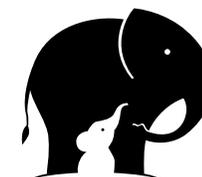




LEGADO  
**ALVISE E VALDA  
FRANCISCO**



# **ALVISE E VALDA FRANCISCO**



**LEGADO**  
HISTÓRIAS DE VIDA



*Montar um quebra-cabeça é como construir um casamento duradouro: cada peça, por mais pequena que pareça, tem um lugar especial que se encaixa no todo. Há momentos de frustração, quando as peças parecem não combinar, mas há aqueles de pura alegria, quando um encaixe perfeito revela algo maior. Assim como no casamento, paciência, atenção aos detalhes e vontade de acertar são indispensáveis. Cada pedaço do quebra-cabeça representa uma memória, um desafio superado ou uma graça alcançada, e, quando se olha para o quadro completo, percebe-se que cada esforço valeu a pena. Todas as horas dedicadas a ele foram recompensadas.*

*Valda ama quebra-cabeças. Ela consegue passar horas debruçada sobre as peças, em silêncio, esforçando-se para encaixar milhares e milhares de pedacinhos para formar uma bela imagem. O marido, Aloise, com quem é casada há 68 anos, não tem a mesma paciência para a atividade. Mas é ele que sempre a ajuda na hora de colocar o quebra-cabeças montado dentro de um plástico e enrolá-lo, para que seja encaminhado à loja que o emoldura. O trabalho cuidadoso de enrolar 4 mil peças perfeitamente encaixadas só é possível ser feito em dupla. É neste trabalho em equipe que a imagem do amor se revela.*

Entrevistas e texto: Valquíria Vita, Legado Histórias de Vida  
Projeto gráfico e diagramação: Dani Almeida Design  
Fotos: Arquivo pessoal da família  
Ano: 2024

[www.historiasdevida.com.br](http://www.historiasdevida.com.br)

### ***“Esse moreno vai ser meu”***

Com passos firmes, Alvise fazia diariamente o trajeto para o trabalho na indústria de produtos químicos Veronese, onde atuava como auxiliar de escritório, em Caxias do Sul, e não se deixava distrair com as dezenas de moças que ficavam na esquina da malharia Polar, no Centro de Caxias.

“Esse moreno vai ser meu”, comentava Valda, convicta.

“Como, se ele não olha nem para as pedras?”, riam as amigas.

Mas, em um baile no Clube Guarany, no inverno de 1953, Alvise finalmente reparou na jovem que já estava de olho nele. Pensou: “Vou tirar aquela moça para dançar”. E tirou. Ao som daquelas canções, os dois engataram o namoro.

Valda estava certa. O moreno de um metro e setenta e oito de altura seria dela.

### ***Nasce Valda***

No ano de 1935, o Brasil era governado por Getúlio Vargas e o país começava seu processo mais intenso de industrialização. No Rio Grande do Sul, a economia estava centrada na agricultura e pecuária, mas dava fortes indícios que também estaria se industrializando em breve. Era um período de grandes transformações. O mundo estava prestes a mudar muito.

A pacata localidade de Criúva teve sua origem na época do tropeirismo e era um distrito de São Francisco de Paula naquela década. Depois, seria anexado a Caxias do

Sul. Naquele cenário privilegiado pelas belezas naturais das araucárias, cascatas e rios, nasceu Valda Venzon, em 25 de outubro daquele ano.

Contemporânea e conterrânea dos músicos e irmãos Honeyde e Adelar Bertussi, nascidos anos antes, Valda viveu os primeiros anos de vida na localidade de Palanquinhos, interior de Criúva. Brincava como qualquer criança e também ajudava em tarefas da colônia, como dar comida aos animais e recolher ovos das galinhas. Valda adorava fazer algumas travessuras, como se esconder na serraria do pai Sétimo Domenico Venzon. Todo mundo ficava atrás da menina. “Eu era levada, arteira”, diz.

Aos cinco anos, as coisas mudaram. Com a separação dos pais, algo incomum para a época, Valda mudou-se com a mãe, Ilda Pasquali, e o irmão Vivaldo, para a casa da avó, na comunidade de Agudo, também em Criúva. Antes de conhecer Sétimo, a mãe de Valda havia sido noiva de outra pessoa. Ela foi obrigada a desmanchar o noivado para se casar com o rapaz, um imigrante italiano. “Casavam-se sem querer, sem se gostar. Então, dificilmente esses casamentos davam certo”, explica Valda.

Ela, a mãe e o irmão moraram por cerca de quatro anos na casa da avó. Neste período, Valda frequentou a escola e foi alfabetizada. Também aprendeu o básico de matemática com as quatro operações. Era uma escola pequena e simples, como eram os colégios de colônia da época.

Com o tempo, o pai de Valda casou-se de novo e sua mãe também. Em 1944, Ilda resolveu deixar a colônia e ten-

tar a sorte em Caxias do Sul, um local que, naquela década, estava se desenvolvendo bastante, oferecendo muitas oportunidades de emprego, especialmente na indústria. Ela conseguiu trabalho na cervejaria Brahma, perto da atual rodoviária, na Rua Ernesto Alves.



*Mãe de Valda.*



*Pai de Valda.*



*Valda (à direita), aos cinco anos de idade.  
Ao lado dela o irmão, Vivaldo.*

## ***Nasce Alvisé***

Um ano depois do nascimento de Valda, nascia a alguns poucos quilômetros dela, na área urbana de Caxias do Sul, Alvisé Francisco. O nome do bebê foi dado em homenagem a Alvisé Manfro, um empresário vizinho da família.

Filho de Abrelino Francisco e Virgilina Soares Francisco, Alvisé teve uma infância humilde, ao lado dos irmãos Arlete, Alceu, Maria e Wilson. Os pais eram muito reservados e também muito trabalhadores. Os dois passaram pela metalúrgica Amadeo Rossi. Depois, Virgilina foi costureira e fazia lindos crochês para vender, além de ter sido auxiliar de limpeza na escola Cristóvão de Mendoza. Abrelino comprava casas desmanchadas e as reconstruía para alugar, e gostava de plantar em uma horta. Mas, apesar de tanto esforço, o dinheiro ainda era curto. A energia elétrica, por exemplo, demorou a chegar na casa da família. Por muito tempo, a residência era iluminada por lampião a querosene e as roupas passadas com um ferro abastecido à brasa. Foi só depois que um eletricitista, colega de Abrelino, fez a instalação elétrica na casa, que a mãe conseguiu ter um ferro.

Quando o pai conseguiu, a muito custo, comprar um aparelho de rádio, foi uma alegria para a família. O equipamento foi adquirido nos Irmãos Calcagnoto, uma loja de eletrodomésticos da cidade. A família gostava de ouvir os tangos das emissoras argentinas e as ondas curtas permitiam às rádios internacionais difundir suas emissões para longas distâncias, o que fez as canções chegarem até a casa

de Alvisé. “As rádios da Argentina sintonizavam muito facilmente. Até hoje, às vezes, eu cantarolo músicas em espanhol, que ainda me recordo”.

Alvisé jogava futebol na rua e pingue-pongue na casa de um amigo, que tinha uma mesa ideal para a brincadeira. Com o irmão, fez de um riachinho no bairro onde moravam, o Exposição, um açude para tomar banho no verão. Os dois usaram pedras para represar a água e nadavam ali para se refrescar nos dias quentes. “Fazíamos a nossa natação”, ele brinca. Também aproveitavam para comer, direto do pé, frutas como guavirova e esporão de galo. “Roubavam” frutas até da casa do avô do bispo Dom Paulo Moretto, vizinho da família.

Ele passou pelas escolas estaduais Emílio Meyer e Duque de Caxias, hoje Presidente Vargas. Matemática sempre foi o seu fraco, mas, na escola, ele chegou a ter boas noções de português e até de inglês. Fora da escola, aprendeu italiano. Embora não seja descendente, cresceu em meio aos imigrantes italianos que povoaram a região e logo estavam falando o dialeto.

A faculdade também veio, mas bem mais tarde. A vida tinha outros planos antes.



*Pais de Alwise.*



*Alwise nos seus  
anos de juventude*

### ***Mais próximos do que imaginavam***

Quando chegou em Caxias, em 1944, aos nove anos, Valda foi morar na Avenida Júlio de Castilhos, entre as ruas Treze de Maio e Humberto de Campos. Ela saiu do interior para viver na cidade que, na época, tinha como prefeito Dante Marcucci. Tudo acontecia em volta da praça central, chamada naquele ano de Rui Barbosa. O nome Dante Alighieri, do poeta italiano, havia sido removido da praça devido aos efeitos do Estado Novo de Getúlio Vargas, que não via com bons olhos o idioma no Brasil.

A cidade crescia a passos largos e a população, naquela década, era de cerca de 39.500 pessoas. O trem estava em atividade desde 1910 e o aeroporto regional operava desde 1941 no bairro Cinquentenário. A cerimônia de inauguração, em março daquele ano, contou até com a presença do jornalista e empresário da comunicação Assis Chateaubriand. O aeroporto mudou-se para o atual endereço, no bairro Salgado Filho, somente em 1954. Além disso, a BR-116 (a “estrada federal”) havia sido recém inaugurada.

Valda, ainda criança, talvez nem tivesse noção do cenário caxiense quando chegou na cidade. E nem sonhava com isso, mas tinha ido morar bem pertinho da casa do seu futuro marido, na Rua Os Dezoito do Forte. Talvez os dois até tenham se cruzado pelas ruas do bairro Nossa Senhora de Lourdes ou do Exposição, quem sabe? Mas eram ainda muito jovens. Além de muito ocupados. Valda já tinha compromissos de adulto naquela época. Era preciso ajudar a mãe com as finanças da casa e, para isso, ela logo arrumou emprego para tomar conta de duas crianças. Trabalhou ainda em outras duas residências fazendo serviços de limpeza. “Eu trabalhei também numa casa maravilhosa, na frente do Hospital Pompéia, uma mansão que demoliram, que era dos De Carli. A dona Olga e o seu Ari eram maravilhosos. Ela me ensinou tudo, a lavar louça, lavar roupa... Me dava carinho, me dava atenção, me explicava as coisas. Foi um período muito bom”, recorda.

Entre seus 11 e 12 anos de idade, Valda começou a trabalhar no Hotel Menegotto, na Rua Marquês do Herval,

perto da praça central, ao lado do famoso Cine Guarany, que ela viria a frequentar com o futuro namorado.

Mais ou menos com a mesma idade, Alvise começou a trabalhar como cobrador de ônibus. Foi o primeiro emprego dele. Mas o menino também ajudava a mãe na venda das peças de crochê e tricô que ela habilmente confeccionava. E demonstrava ter tino para os negócios. “Minha mãe terminou uma colcha e disse para eu entregar para dona Elisa Eberle, mulher de Abramo Eberle. Cheguei no portão de serviço, toquei a campainha, veio a empregada e perguntou o que era. Eu disse que tinha que entregar para a dona Eberle. Ela ‘ah, deixa que eu entrego’. Eu disse ‘não, eu tenho que entregar para ela’. Elas estavam em reunião, acho, com um café da tarde. Foram para a sala e me deram uma fatia de pão com uvada. Fiquei na cozinha esperando. ‘Tua mãe disse quanto é? ‘Sim, acho que 400 cruzeiros’. A minha mãe não tinha dito 400 cruzeiros, acho que tinha dito 300, 350 e eu pedi mais. Eu tinha visto a minha mãe trabalhar meses fazendo aquela colcha, ficava até tarde da noite com ela. Cheguei em casa e minha mãe disse: ‘mas tu és maluco, foi cobrar mais!’. Aí me diziam que eu era ‘turquinho’, porque eu era bom de fazer negócio”, conta.

Valda ainda trabalhou na Cantina Michelin, por volta dos 14 anos, e Alvise fez curso de marceneiro no Senai e entrou na Metalúrgica Eberle, fundada pelo marido de Elisa, o empresário ítalo-brasileiro Abramo Eberle. A metalúrgica era, naquele tempo, a maior empresa de Caxias.

Os caminhos deles só se cruzaram quando Valda, que

já trabalhava na malharia Polar, interessou-se por Alvise, que estava na Veronese, indústria de produtos químicos. Na Polar, Valda era tecelã. Já na Veronese, Alvise era auxiliar de escritório. Eram dois jovens trabalhadores, que tinham sido incentivados por suas respectivas famílias a batalhar pelo seu dinheiro. Essas duas personalidades muito parecidas estavam prestes a se encontrar.

### ***O encontro***

Era o ápice do inverno na Serra Gaúcha: 3 de julho de 1953. Nos anos 1950, o Clube Guarany era um dos mais conhecidos pontos de encontro dos jovens em bailes e carnavais. Tanto Valda quanto Alvise estavam no Guarany naquela noite para uma celebração de festa junina. Ela tinha 18 anos e ele, 17.

Naquela festa, começaram a conversar e dançaram o evento todo. Decidiram, ali mesmo, que se encontrariam no dia seguinte para um matinê no Cinema Guarany. Naquele tempo, além do Guarany, outros cinemas de rua eram populares em Caxias, como Central e Apollo. O matinê significava que o filme era exibido durante a tarde. Com a festa no Guarany e o cinema no dia seguinte, o namoro engatou.

No período em que foram namorados, como muitos dos casais de Caxias do Sul, eles faziam os clássicos passeios a pé na Avenida Júlio de Castilhos aos finais de semana. Quando era possível, iam ao cinema, mas nem toda semana, já que isso exigia uma certa preparação financeira e o salário deles nem sempre dava para isso.

Eles frequentavam festas e bailes no clube onde haviam se conhecido ou, então, em outros espaços tradicionais daquele tempo, como o Recreio da Juventude e o Flamengo. Às quartas, dia conhecido por ser o “dia de namorar”, Alvisé visitava Valda na casa dela. Nos outros dias, ele a esperava sair do trabalho e a acompanhava até em casa, a pé. Aos domingos, iam juntos à missa e passeavam na praça em frente à Catedral. “Lembro de um dia que estávamos indo à missa, em Lourdes, e a Valda apareceu com um vestido lindo, de linho bordado, mas ela enganchou-se numa cerca de arame e o vestido rasgou. Levei ela para a minha casa e a minha mãe costurou,” conta Alvisé.

Logo, o namoro semanal precisou de uma pausa. Quando estava prestes a atingir a maioridade, Alvisé teve que se apresentar ao serviço militar e escolheu a base aérea de Canoas, RS. O sonho de criança dele era ser piloto de avião. Além disso, ele não simpatizava com a farda verde: “Mania de gurizada, queria uma coisa diferente. Lá era uma farda cáqui”, conta, acrescentando que não chegou a pilotar, mas fez alguns voos como auxiliar, realizando parcialmente o sonho.

Alvisé voltava a Caxias para ver Valda a cada 15 dias. Às vezes, precisava ficar de prontidão no quartel. Ninguém saía da base. Ele conta que não entendia muito bem o que acontecia, só obedecia às ordens. Alvisé serviu justamente no ano em que o presidente Getúlio Vargas se suicidou, o que deixou o clima tenso naquele período. “A gente ficava de guarda nos portões, passava a noite em dois (colegas):

um ficava junto, o outro deitava um pouco (para dormir). Dava o plantão”, conta Alvisé.

Eles seguiram o namoro dessa forma, quando Alvisé conseguia sair do quartel, durante os onze meses em que ele fez parte do Exército. Até que, em 10 de abril de 1955, um domingo de Páscoa, eles deram um passo importante e noivaram. Como os dois eram de famílias simples, não foi possível fazer uma festa de noivado. Apenas colocaram o anel na mão direita, como manda a tradição. Alvisé comprou a aliança com o salário de 800 cruzeiros que recebia como soldado da base aérea.

Eles estavam noivos quando surgiu a possibilidade de seguir carreira militar em São Paulo. A mãe de Alvisé, em clara defesa da futura nora, achou melhor intervir. “Estás com a menina agora e vai para São Paulo? Aí não vai dar certo”, ela disse. Naquele tempo, noivar era um compromisso muito sério.

Alvisé decidiu não ir e ficou em Caxias. “Se ele quisesse ter ido, eu teria esperado dois anos por ele. Mas até hoje eu digo que ainda bem que ele não seguiu a carreira militar”, revela Valda.

O casamento aconteceu em 19 de maio de 1956, pouco mais de um ano após o noivado. Era o primeiro dia do resto de suas vidas e os dois estavam ansiosos e animados. Sabiam que estavam fazendo a escolha certa, pois ambos tinham os mesmos objetivos de vida.

Às nove da manhã, eles assinaram os papéis do casamento civil, no Cartório Viana. Depois, às cinco da tarde, a

celebração religiosa foi realizada no altar da Catedral Diocesana. O vestido de Valda havia sido feito por uma costureira vizinha. “Muito simples,” segundo ela. “Mas estava bonita,” elogia Alvisse. Já o noivo vestiu um terno azul marinho, que havia comprado dias antes, tendo o chefe de Valda como fiador. Era de um tecido chamado aurora e o traje durou tanto tempo que Alvisse o vestiu “até terminar”, como eles dizem. “Naquela época, tinha-se apenas um terno para todas as ocasiões,” explica Valda. A noiva guardou o vestido por um tempo após o casamento, mas quando a primeira filha fez um ano de idade, ela transformou o traje em um vestidinho para a menina. “Rendeu muito, porque era cheio de babados,” lembra Valda, sempre muito prática e econômica.

Após a cerimônia, eles comemoraram com familiares e padrinhos em um jantar na Galeteria Peteffi, em Lourdes. “Foi muito especial e prazeroso, pois convidamos apenas um grupo pequeno de pessoas para o casamento. Familiares e alguns amigos. Éramos dois operários, com as finanças apertadas. Então, quem estava lá, era realmente especial,” conta Valda, lembrando-se de um dos dias mais marcantes da vida dos dois.

Depois de oficializar a união, o casal embarcou para a lua de mel, que foi também a primeira viagem juntos. Pegaram um ônibus Caxiense até Porto Alegre, pois ainda não tinham carro, e partiram rumo a Pelotas, RS, também de ônibus (chamado Princesa do Sul), onde morava uma irmã de Alvisse. Na época, não existia a ponte do Guaíba e eles

precisaram atravessar de balsa. Chegando lá, hospedaram-se no Hotel Comercial.

Na cidade, surpreenderam-se com a elegância dos moradores, especialmente das mulheres, que vestiam-se de gala e usavam joias para ir ao cinema. Muito diferente de Caxias do Sul. “Fomos ver um filme, o que sempre fazíamos em Caxias, e eu me senti deslocado, vestindo traje esportivo, com um casaco de tweed amarelo e uma camisa xadrez vermelha embaixo. Valda vestia um casacão de lã,” lembra Alvisse. “Embaixo do casaco, eu estava vestindo uma malha de gola alta. Não teve quem não se virou para olhar: quem são esses ETs aí?”, acrescenta ela, lembrando do episódio com bom humor.

Pelotas, além de um jeito diferente de se vestir dos moradores, também tinha uma arquitetura que nada lembrava a de Caxias do Sul. “As construções chamavam muito a atenção, com casas geminadas, encostadas uma na outra, que nem sabíamos o que eram,” diz Alvisse.



Valda, em 1953.



Os dois, no Carnaval de 1955.



*Passeando na Av. Júlio de Castilhos, que era tradicional na época.*



*Em um baile, um ano antes do casamento.*



*Alvise na base aérea, 1955.*



Casamento, em 19 de maio de 1956.



Na praia de Rondinha, verão de 1957.

### ***Nasce uma família***

Assim que se casaram, Alvise e Valda foram morar nos fundos da casa dos pais dele, na Rua Os Dezoito do Forte. “Era uma casinha de madeira, que eu dei um trato. Depois do trabalho, eu ia lá e pintava. Deixei ela pronta para morarmos. Olha o que o amor faz...” reflete Alvise.

Valda se deu bem com os sogros, que estavam muito próximos deles, e foi muito bem acolhida pela nova família. Eles representavam, inclusive, um formato de família que ela não havia tido. Além da separação dos pais quando pequena, Valda perderia a mãe logo. Ilda tinha apenas 47 anos quando morreu e Valda, 28. Com a despedida da mãe, ela ficou ainda mais íntima da família do marido.

Ela aprendeu bastante com os sogros. Da sogra, uma mulher reservada, ela recebeu conselhos que levou para a vida inteira. A generosidade de Virgilina, natural de São Francisco de Paula, comovia a nora. Ela poderia preocupar-se apenas com o filho, como muitas outras mães. Mas não. Virgilina orientava e se importava com a nora como se ela fosse sua filha. Entre os maiores ensinamentos, aconselhou Valda a ter uma postura discreta com os vizinhos e fazer suas próprias economias. “Ela falava que não era para andar pelas casas da rua, que eu apenas deveria visitar os vizinhos se eles estivessem doentes. Ela era muito franca e estava certa. Havia algo que ela sempre dizia, que eu nunca me esqueci: ‘trabalha e ajuda teu marido, mas guarda um dinheirinho só para ti. Não tem que botar tudo na casa, porque quando tu quiseres comprar uma coisa para ti, não precisa pedir, pois tu vais ter. E se vierem pedir se tu tens dinheiro, tu diz que tem. Mas se tu tens 50, tu diz que só tem 20.’ E era assim que ela se comportava também”, recorda Valda.

No veraneio de 1957, sete meses depois do casamento, Valda engravidou. Foram meses frustrantes de tentativas, o que era muito tempo naquela época e estava deixando o casal preocupado. O mais comum era engravidar logo após o casamento. Valda procurou ajuda médica por achar que tinha algo de errado. Mas após o tratamento, começou o novo ano grávida. O desejo do casal, de começar uma família, estava realizado.

A primeira gestação exigiu cuidados e, aos três meses de gravidez, Valda deixou o emprego na malharia para repousar

e cuidar do bebê que estava por vir. Foi uma decisão difícil, pois ela gostava muito do emprego. Mais do que isso, gostava de ser uma mulher que trabalhava (que “tinha seu dinheirinho”, como dizia a sogra). Ela havia sido a primeira funcionária a ser contratada na Polar. Era a ficha número 1 da empresa, considerada uma das melhores malharias em Caxias.

Mas Valda não se arrependeu da decisão de parar. Estava na hora de viver uma nova fase de vida. Com a chegada da primogênita Liège, em outubro de 1957, Alvis e Valda resolveram se mudar para uma casa só para eles em um terreno que foi herança do pai de Valda. Eles haviam construído a residência no bairro Cinquentenário. A casa ficava atrás da escola Cristóvão de Mendoza, colégio que, naquele tempo, ainda estava em construção. Apesar da boa convivência com a família de Alvis, o casal achou melhor ter seu próprio canto para criar a primeira filha.

Na despedida, muitas lágrimas dos avós, que eram apegados à neta, naquela época, com sete meses de idade. “A gente morava junto e eles eram aposentados, então, eles cuidaram da nenê e passaram muito tempo com ela. Era a única nenê da família,” conta Valda. “Sem falar que estávamos nos mudando para os lados do Cristóvão, que, naquele tempo, era considerado muito longe. Não tinha nada por lá,” reforça Alvis.

A nova casa que haviam construído era modesta: tinha sete por oito metros (praticamente do tamanho da sala do apartamento onde moram atualmente, quando estão registrando as memórias para este livro). No novo lar, simples,

mas cheio de amor, mais um bebê foi planejado: Liange, que nasceu em 1960, para se juntar à Liège. Poucos meses depois disso, com as duas meninas pequenas, Alvise e Valda tiveram uma agradável surpresa. Valda estava grávida novamente. Uma terceira menina, Elaine, nasceu em 1961. “A casa no Cinquentenário está lá ainda. Esses tempos, nós passamos para ver, e a casa está bem conservada. Lembro que eu mandei fazer um porão embaixo, porque tinha a bicicleta para guardar. A Júlio de Castilhos era fechada naquela época, final dos anos 1950. Onde é o Parque Cinquentenário, não tinha aquele trecho da avenida. A gente tinha que contornar o parque para ir ao centro. Depois, estouraram as rochas e abriram a rua. A Valda saía lá de cima a pé com a Liège para ir ao médico no Centro”, recorda Alvise.

Os cinco viveram boas memórias naquela casinha afastada do Centro, onde estavam iniciando sua vida como família. Com o passar do tempo, ela foi até ampliada.

Mas Abrelino e Virgilina, pais de Alvise, viviam preocupados com o fato de que o filho viajava muito por causa do trabalho e Valda ficava sozinha com as crianças no Cinquentenário. Por causa da distância, os sogros não podiam ajudar como gostariam. Então, deram um terreno para o casal e os dois construíram uma casa atrás da residência deles, na Rua Os Dezoito do Forte, entre a Treze de Maio e a Vereador Mario Pezzi. Tinha assoalho de madeira e era maior e melhor equipada que as anteriores, contando até com uma lareira.

Então, em 1965, a família mudou-se novamente. Os avós, é claro, ficaram radiantes com a ideia de morar perto

dos netos. Ainda mais que, neste período, Alvise e Valda ganharam mais uma menina: Eloisa, em 1966. Agora, eram quatro filhas! Logo depois, em 1970, finalmente um menino, Eduardo, que chegava para completar a família. Neste ano, eles se mudaram para uma casa que Alvise e Valda construíram no local onde era a casa dos pais de Alvise, na Os 18 do Forte, 798. Os pais mudaram-se para a antiga casa deles, “a casa de trás”.

Foram anos agitados para a família, com o nascimento de cinco crianças. Valda diz que foi um desafio cuidar de todos, ao mesmo tempo em que dava conta da casa, em um tempo em que não haviam as facilidades de hoje, como fogão a gás, por exemplo. “Teve uma época que nem geladeira tínhamos. Mas cuidar dos filhos e da casa era algo comum, era normal, fazia parte da vida. Carregar lenha, rachar lenha e fazer fogo também. Foi difícil? Foi. Mas eu fazia tudo de novo para ter a família que temos hoje,” explica.

Os pais de Alvise, assim como a mãe de Valda, sempre foram uma importante rede de apoio para o casal. Quando os filhos eram pequenos, eles se revezavam entre os almoços na casa dos pais para que as crianças passassem tempo com os avós.

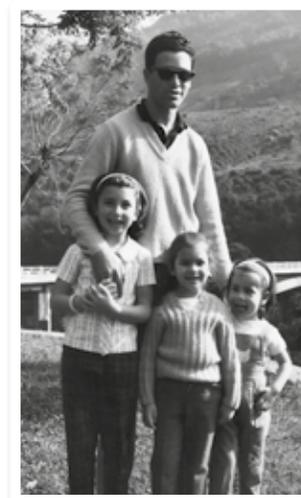
Segundo eles, as quatro meninas tinham personalidades calmas, diferente de Eduardo, que “veio para bagunçar,” dizem, com carinho, reforçando: “Muito mais agitado. Mas um bom menino.” As crianças estudaram no Emílio Meyer e depois seguiram no Cristóvão de Mendoza.



*Pais e meninas, em 1968, em um passeio a Canela.*



*Valda e as três primeiras filhas.*



*Alvise e as meninas.*



*O filho mais novo, Eduardo.*



Família em Torres, RS.



A casa nova que construíram.

### ***Carro ou máquina de lavar***

Nos anos 60, Alvise trabalhava no Armarinhos Caxias, uma tradicional loja de aviamentos da cidade. Nessa época, também passou a integrar o Sindicato dos Comércios de Caxias do Sul ao lado de Reinaldo Valentini e Lidio Zene, membros da diretoria. Antes, chegou a ser *office boy* na malharia Polar, onde Valda trabalhava (quando voltou da base aérea, estava sem emprego, e a noiva conseguiu o trabalho para ele). No Armarinhos, Alvise tinha a função de faturar as notas. Era um trabalho bem burocrático, que exigia muitas idas aos bancos da cidade. “Quando nós tínhamos aumentado a casa, fui no Banrisul entregar uns títulos para o gerente e disse que precisava de um empréstimo. ‘Empréstimo?’, ele disse. Falei que precisava fazer um banheiro novo. Pedi quanto eu precisava e se eu tinha avalista. ‘Tenho’, mas não tinha. Cheguei no escritório e contei para

o meu chefe. Disse para ele, o avalista és tu. Nós nos dávamos muito bem”.

Eles davam-se tão bem que o chefe, eventualmente, emprestava o carro para Alvise levar a família até Criúva, onde morava uma tia de Valda. Lá, eles aproveitavam as paisagens do campo. Alvise só foi ter seu próprio veículo nos anos 1960. Era um Vauxhall preto com assentos de couro, parecido com um táxi inglês, como ele lembra. A marca britânica de automóveis foi bastante popular no Brasil nas décadas de 1950 e 1960. Ele confessa que optou pelo carro ao invés de uma máquina de lavar roupa para a casa, artigo de luxo para a maioria das famílias brasileiras na época. O carro, naquele momento, era mais essencial. “Eu ia comprar uma máquina de lavar roupa para a Valda, mas acabei comprando o carro. O veículo era de um diretor da Eberle. Eu chamei meu chefe para olhar o carro e dar uma opinião. Era um carro muito forte, bom, mas bem antiquado. Para aquele momento, foi o que pudemos comprar”, conta Alvise. O primeiro passeio com a família foi uma ida a Antônio Prado. “Eu tinha que resolver um assunto lá na cidade e tive que botar o carro na balsa”, relembra Alvise. “Falta de juízo total! Mas os anjos da guarda ajudaram”, agradece Valda, que teve receio em atravessar o rio de balsa.

Depois do Vauxhall, a família teve um Aero Willys bordô com teto marfim. Anos depois, porém, eles tiveram que dar tchau ao espaçoso Aero Willys quando Alvise adquiriu um Fusca prata, mais econômico para as viagens de trabalho.



*Os dois em uma festa.*



*O casal, em um verão na praia,  
no final da década de 1950.*

## ***Na terra do Tio Sam***

Em 1963, ano em que o mundo ficou em choque com o assassinato de John F. Kennedy, presidente norte-americano, Alvisse tinha 26 anos e já era um pai de família. Ele sequer podia imaginar, mas embarcaria para os Estados Unidos naquele ano mesmo para uma viagem de 90 dias. “Tempos antes, nós tínhamos falado com uma médium espírita que estávamos com problemas financeiros em casa, que as coisas não andavam bem no geral e ela disse para a Valda: ‘vocês vão melhorar depois que o teu marido fizer uma viagem muito grande’. “Viagem muito grande para onde? Eu quase ri com aquela resposta dela, porque nós estávamos numa pindaíba danada... Como ele iria fazer uma viagem?”, lembra-se Valda.

A médium estava certa. Não muito tempo depois, uma correspondência de Porto Alegre chegou informando que Alvisse estava na relação de membros do Sindicato dos Comerciantes de Caxias que viajaria aos Estados Unidos para uma missão da entidade. Alvisse participava do sindicato que tinha sede no edifício onde hoje é o shopping Prativiera e foi indicado pela direção da Capital. A viagem era um convite do governo norte-americano. Ao lado de outros colegas, ele embarcou para o país em janeiro de 1963 (ficaram conhecidos como o Grupo dos 11). O aeroclube de Caxias recebia um avião por dia e foi em um desses que eles embarcaram.

Alvisse precisou providenciar passaporte e fez aulas de inglês no Instituto Norte-Americano, em Caxias, para “não morrer de fome,” como ele brinca. As noções do idioma ajudaram a se virar, mas não foram suficientes para entender as reuniões das quais participava. Ele também precisou levar roupas para encarar a neve, já que a estadia era durante o inverno no hemisfério norte. “Antes de viajar, fui no Alfred comprar um sobretudo e a Valda fez um pulôver para mim. Comprei umas boas luvas na Renner, a loja mais cara da cidade na época”.

De fato, fazia muito frio nos Estados Unidos naqueles meses. A temperatura era tão baixa, mas tão baixa, que Alvisse e os colegas colocavam as latas de suco de tomate na janela para gelar. Uma boa solução, já que não havia geladeira nos quartos.

A missão incluía visitas a sindicatos de diferentes cidades, como Chicago, Nova York, Nova Orleans e São

Francisco. Os deslocamentos dentro do país eram feitos de avião e de trem. Alvisse conheceu o *Electronic Numerical Integrator and Computer* (Eniac), o primeiro computador da humanidade, criado entre 1943 e 1946. A máquina era enorme: tinha cerca de dois metros de altura, pesava 30 toneladas e ocupava 180 metros quadrados – quase cinco vezes o tamanho da casa da família no Cinquentenário!

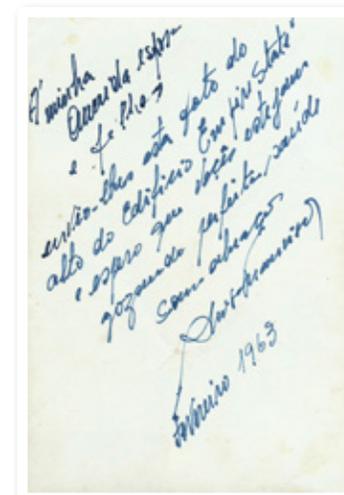
Os Estados Unidos estavam muito à frente naquela época. A Nasa já trabalhava intensamente no projeto que prepararia o caminho para o primeiro pouso do homem na Lua em 1969 – mesmo ano da realização do Festival de Woodstock. Mas o período também era de acontecimentos tristes e polêmicos, como a Guerra do Vietnã, que se arrastava desde 1959 e ainda duraria muitos anos.

Para viver a experiência no Exterior, Alvisse tirou uma licença do Armarinhos Caxias (ele permaneceu por nove anos na empresa). O chefe, além de entender a importância da viagem para a carreira de Alvisse, deu suporte para Valda, que ficou em Caxias cuidando de três crianças. “O contador, meu chefe, era padrinho da Liège. E eles me deram todo o apoio. Disseram: ‘Alvisse, fica tranquilo, se precisar de alguma coisa, pede para a Valda vir aqui fazer um vale’. E as correspondências chegavam na loja, porque lá em casa não iam direito. Eles pegavam um viajante e diziam: ‘leva para a esposa do Alvisse’. Eles chegavam lá com três, quatro cartas. Eu escrevia quase toda semana”.

Foram três longos meses para Valda. Além de três crianças pequenas, tinha de cuidar da mãe que estava em trata-

mento de saúde. Ela se comunicava com o marido por carta todas as semanas, já que não tinha como fazer ligação internacional. “Era uma época em que ninguém tinha telefone em casa, nem para ligações dentro do país, então imagine para fora. Pelo menos, para quem morava nos bairros, era assim. Quando eu precisava fazer uma ligação, tinha que caminhar quase um quilômetro,” diz Valda, que enfrentou este período desafiador, mas lembra-se até hoje dele.

Nos Estados Unidos, cada integrante do grupo tinha a hospedagem paga pelo governo e recebia 15 dólares por dia para as refeições. Alvisse economizou o quanto pôde para comprar presentes para a família. Para Valda, que segurou as pontas em casa com os filhos, sempre tricotando, ele comprou uma capa de chuva e sombrinha combinadas. Para os filhos, brinquedos japoneses, que eram novidades na época, e ainda não tinham chegado ao Brasil. E ainda sobraram dólares para pagar os vales que a família pegou no Armarinhos Caxias.



Alvisse nos Estados Unidos, período em que enviava fotos e cartas à Valda e família.



Matéria do jornal norte-americano noticiando a excursão dos brasileiros.

## ***Novo emprego, vida nova***

A vida depois da viagem de Alvise aos Estados Unidos realmente mudou, como a médium havia previsto. Não muito tempo depois do retorno, Alvise entrou no INPS, o Instituto Nacional de Previdência Social. Mas antes, precisou fazer um treinamento não remunerado durante três meses, em Porto Alegre. Enquanto isso, Valda tricotava

para sustentar a casa. Alvise ficou bem colocado no curso e conquistou a vaga. Passou um tempo em Porto Alegre e depois foi enviado a Santa Rosa. Em seguida, foi para Lajeado. “Eu era fiscal. Nós examinávamos as folhas de pagamento, depois as guias de fundo de garantia. Visitávamos as empresas e analisávamos a contabilidade, as contas de mão de obra, contas de serviço. Eu fiquei um período ainda em Porto Alegre, indo e vindo. Depois, fiquei em Cachoeira do Sul, que era muito longe. E Passo Fundo, posteriormente”.

O trabalho exigia bastante dedicação, além de o deixar ausente do convívio familiar em muitos momentos. Mas Alvise gostava do emprego. “A gente fazia tudo de forma manual. Eu tinha uma máquina de somar, de calcular, daquelas de rodar. Depois, veio uma elétrica, que era de puxar. A gente fazia a relação de tudo, tinha que botar o nome do segurado, tudo direitinho e tal, para depois fazer as notificações. A gente calculava a previdência sobre os salários que a pessoa tinha ganhado. Quando saía uma notificação, a empresa tinha 15 dias para pagar as contribuições.”

Foi neste período que a vida da família melhorou financeiramente. “Entrou um novo ministro do Trabalho e resolveu dar uma remuneração melhor. Eles criaram um tipo de incentivo para as viagens. Por exemplo, a gente ia para a Vacaria e eles davam passagem de ônibus de ida e volta.”

O trabalho rendeu algumas histórias memoráveis à Alvise, afinal, nem todos gostam de um “fiscal”, função que ele exercia. “Falava em fiscal, as pessoas não eram simpá-

ticas”, segundo ele. Certa vez, um homem em Vacaria quis matá-lo. Ele era dono de uma padaria e não gostou de ter sido notificado por Alvise. “De manhã cedo, fui para a padaria. Estavam trabalhando, começavam às quatro, cinco horas da manhã. Nós fomos na janela para olhar mais ou menos quantos estavam trabalhando, porque eles não pagavam o valor da Previdência. Só pagavam quando acontecia um acidente, quando tinha algum problema. Entrei, e a senhora que estava atendendo era a mulher do dono. Ele era um terror, era um cara criador de problemas. Tinha tombado um carro, se envolvia com mulheres. Ela me atendeu, eu dei uma olhada, contei por alto. A gente tinha que ver quem eram, porque tinha que botar o nome na notificação. Quando eu já estava no escritório de contabilidade fazendo a notificação e o ato de infração, tocou o telefone. Era o contador dizendo que o homem da padaria ia me dar uns tiros. Em Vacaria, não dava para brincar”.

Alvise achou melhor não esperar. Não queria ver para crer. Deixou a notificação com o contador da padaria, voltou para o hotel para apanhar suas coisas e foi para a rodoviária pegar o primeiro ônibus para Caxias. De volta, contou o que tinha acontecido ao chefe. Durante a semana, se deram conta que Alvise tinha entregue a via errada da notificação ao contador. Como ia enviar o processo sem aquela via? Como voltar para Vacaria se estava jurado de morte? “Liguei para a agência em Vacaria e falei com um gerente. A gente tinha muita amizade, eu frequentava a casa dele. Ele morava na própria agência, na casa de um japonês. Aí,

ele falou o seguinte: ‘eu vou botar um envelope aqui no ônibus, tu pegas e vais lá buscar a primeira via e manda para mim. Foi como resolvemos”.

### ***Faculdade e tricô***

Se pagar faculdade para um filho já é difícil, imagine para quatro! E quando o pai resolve estudar ao mesmo tempo? É preciso ainda mais investimento. Foi assim a partir de 1975, na família de Alvise e Valda, quando ele decidiu cursar Direito, aos 39 anos de idade. No ano seguinte, a filha mais velha, Liège, ingressou na universidade. Queria ser tradutora/intérprete. Logo depois, foi a vez de Liange estudar para poder atuar como Secretária Executiva; seguida por Elaine, que cursou Serviço Social. Eloisa optou por Relações Públicas e Eduardo, Hotelaria. “Era muito caro para a gente bancar todos esses cursos na UCS (Universidade de Caxias do Sul). As gurias tinham que pagar pelas suas faculdades e elas foram trabalhar logo para ajudar”, conta Alvise, que resolveu estudar porque o cargo de fiscal exigia qualificação jurídica. “A faculdade foi boa. Nós éramos todos um pouco maduros. A maioria era casado e tinha filhos. Éramos três amigos. Um é falecido, o José César Neto, diretor da Corsetti, e o outro, Pedro Trevin, era funcionário do Banrisul. Todos procurando melhorar”.

Para ajudar a dar conta de tantas mensalidades, Valda tricotava enxovais para bebês. Foram muitas encomendas e roupinhas para crianças recém-nascidas feitas pelas mãos ágeis e habilidosas de Valda. “Por muito tempo, eu traba-

lhei porque precisava. Estávamos com quatro mensalidades de faculdades. Eu precisava ajudar. E naquela época, era comum a gente casar e ter que fazer tudo em casa: pão, massa, cozinhar, lavar, passar. Era normal. Fazia parte da nossa faixa de poder aquisitivo. Então, o dia era cheio de atividades.”

Se antes, Valda fazia por necessidade, hoje faz por prazer, embora ainda produza peças sob encomenda para duas lojas de Caxias, a Casa Amora Regalli e a Vestcasa. Mas o ritmo é bem mais tranquilo. Valda também aprendeu a fazer macramê em um grupo de assistência social na Avenida Júlio de Castilhos, em cima do antigo Silos Bergamaschi, e incorporou a atividade no seu dia a dia.

Além disso, Valda segue tricotando por uma boa causa. Confecciona peças para a Associação Criança Feliz, no bairro Fátima, e ajuda a aquecer quem não tem o que vestir. “O trabalho manual me satisfaz, me preenche. Para mim, é uma terapia”. Ela consegue passar horas fazendo tricô, momento em que deixa os pensamentos fluírem e as lembranças voltarem à memória.

Valda gostaria de ter estudado mais, mas as circunstâncias da vida fizeram com que ela tivesse que começar a trabalhar muito cedo. Quando os filhos chegaram, se esforçou ao máximo para que eles tivessem o estudo que ela não teve. Era seu sonho vê-los formados. E conseguiu. “A gente vai se realizando através deles também”, diz, repetindo uma frase típica das mães que querem o melhor para a sua prole.

Para priorizar o estudo, Valda poupava os filhos dos serviços da casa e nunca fez questão que as gurias aprendessem tricô. Como trabalhavam o dia inteiro e estudavam à noite.

Além do estudo como herança, Valda e Alvisse sempre se preocuparam com a formação do caráter dos cinco filhos. Trabalho, honestidade, fazer o que é certo, cumprir com as obrigações, principalmente com dívidas, estavam entre os ensinamentos. “São uns filhos muito queridos, muito presentes e muito corretos naquilo que fazem, no que são”, orgulha-se Valda.

Durante muitos anos, Alvisse passou mais tempo fora do que em casa, por causa do trabalho. Valda lembra que, às vezes, ele ficava uma ou duas semanas longe de Caxias. Quando trabalhava em Porto Alegre, passava o final de semana com a família. Já quando estava em Lajeado, voltava somente a cada 15 dias. As estradas, na época, não tinham asfalto, e a viagem acabava sendo muito demorada e perigosa. “Quando ele ficava em Caxias, era bom demais, porque aí estava em casa”, diz Valda.

No entanto, quando Alvisse se aposentou, na década de 1980, Valda sentiu a diferença. Acostumada a ficar sozinha com os filhos e a resolver as demandas domésticas, demorou para se adaptar. “Ele é uma pessoa muito boa, muito correta, mas muito mandona. Para mim, ficou um pouco complicado quando ele ficou em casa. Almoço tem que estar pronto ao meio-dia, sabe? Aquela coisa de horário,” diverte-se ela. Aos poucos, a nova rotina do casal, agora com Alvisse em casa aposentado, foi se ajustando.

Alvise, aliás, foi sempre muito disciplinado e organizado. Entre tantos conselhos que a mãe dele, Virgilina, deu para a nora, um era não guardar as roupas dele. “A minha sogra sempre dizia, tu lavas a roupa e passas, mas não guardas, deixa para ele guardar. Porque ele abre uma porta de armário e ele pega a roupa que quer, no escuro. Por isso que eu digo que a minha sogra foi maravilhosa”.

### ***Pedra e almofada***

Quando uma das filhas estava fazendo a catequese, Valda assistiu a uma palestra em que o padre dizia que para o casal dar certo, um tinha que ser pedra e outro, almofada. Duas pedras iriam viver se colidindo e delas saíam estilhaços que atingiriam tudo ao seu redor. Duas almofadas não saíam do chão. Já uma pedra, quando é jogada contra uma almofada, bate e amortece o impacto. “Acho que desde criança fui preparada para ser almofada pela minha avó. É aquela história de sempre: cabeça baixa, sim senhor, não senhor, sim senhor. Assim mesmo, sou muito grata a ela, porque foi com isso também que eu construí a minha vida”, diz Valda.

Mas a verdade é que Alvise e Valda sempre foram muito afinados. Viveram uma vida “pé no chão”, como ela define. E trabalharam pelos mesmos objetivos. Quando decidiram se casar, era para valer, com responsabilidade. “A gente tinha muita dificuldade financeira, mas a gente fazia tudo correto. A gente se acertava até nisso. Eu não era de fazer dívida, ele também não. Se a gente assumia

uma prestação, tinha muita responsabilidade com ela. Era a prestação em primeiro lugar. Depois, se desse, a gente dava mais um passo. Tudo foi conquistado com muita dificuldade, com muito trabalho, mas é muito prazeroso também quando a gente consegue fazer as coisas juntos”.

Em meio aos compromissos com trabalho e família, Alvise e Valda procuravam (e ainda procuram) sempre manter a religiosidade. De formação católica, Valda colocou os filhos para fazer catequese e eles passaram pelos sacramentos do Batizado, Primeira Eucaristia e Crisma. Em 1995, Valda se aproximou do Espiritismo ao começar a frequentar o Grupo Assistencial Espírita Joanna Ângelis. “A doutrina não proíbe a gente de nada. Não tem ritual, não tem nada assim. É o nosso comportamento, a nossa ética, o que a gente faz da vida da gente, das coisas da gente. Durante esses 20 anos que a gente esteve com o grupo, dávamos cursos gratuitos, ajudávamos em todos os sentidos. A gente fez muita coisa boa por nós mesmos também, mas, principalmente, pelas pessoas que a gente conseguiu ajudar nesse grupo”.

Depois da pandemia, em 2020, o grupo encerrou as atividades porque as voluntárias já estavam com idade avançada. Hoje, Valda se reúne com um pequeno grupo, uma vez por semana, para estudo da doutrina. “A doutrina nos liberta e nos consola também. Eu, como criança criada na Igreja Católica, morria de medo do diabo, do inferno, de tudo. E a doutrina nos liberta porque a gente entende que pode errar hoje, mas corrigir amanhã”.

Alvise já tinha contato com o espiritismo desde criança, já que a mãe o levava a tomar passes. Os filhos do casal foram “liberados” após cumprir o ritual na Igreja Católica e os pais sempre deixaram que os filhos seguissem a fé que quisessem e da maneira que quisessem.

### ***Desacelerando***

Depois de várias décadas de trabalho e sacrifícios, o casal se dá ao luxo de desacelerar. Valda faz comida e lava a louça, mas o serviço mais pesado fica para uma diarista. “Eu gosto de todo o serviço doméstico, até de lavar louça eu adoro. A única coisa que eu realmente não gosto é de passar roupa,” diz ela. “A Valda, quando se tratava de cozinha, era 10. Ainda é. Eu lembro de chegar em casa do trabalho e ter aquele cheiro bom das cuquinhas e bolos que ela fazia,” diz o marido.

Além dos quebra-cabeças, Valda gosta de fazer palavras cruzadas e jogar paciência no celular. Também aprecia ler livros e o periódico espírita. Já Alvise, prefere os jornais Correio do Povo, Pioneiro e Zero Hora e assistir TV, além de passar tempo no computador em seu escritório. Lá, aliás, ele tem uma reportagem de jornal emoldurada, do tempo em que a excursão dos brasileiros para os EUA virou notícia no *The Bridgeport Post*.

Juntos, os dois fazem pilates em casa, uma vez por semana com uma professora. Alvise também faz fisioterapia na água. “O meu principal esporte é agulha e linha,” diz Valda, sobre o tricô, completando que não consegue ficar com as mãos paradas.

Ela já não se sente mais segura para sair de carro, então, sempre anda com os filhos quando precisa sair. Alvise não quer parar de dirigir, apesar de a mulher achar que já está na hora. Os dois, desde o ano 2000, deixaram a casa para morar em um apartamento na tranquilidade do bairro Panazzolo.

Apesar da idade, o casal vai muito bem de saúde. Uma dor nas costas, outra no braço, reclama Valda, mas nada demais. Algumas cirurgias, mas ambos recuperados e bem. Um dos agradecimentos diários nas orações é pela saúde, deles e da família, afinal, sem ela, não se consegue fazer nada.

### ***Pé na estrada***

Em tantos anos juntos, houve momentos de sobra para celebrar. O bolo das Bodas de Ouro de Valda e Alvise, no ano de 2006, tinha um letreiro escrito “Pé na estrada”, com imagens dos países visitados pelo casal. Mais do que apropriado para quem sempre gostou de viajar. Quando os filhos eram pequenos, nas férias escolares de julho, faziam roteiros de carro pelo Rio Grande do Sul e também pelos estados e países vizinhos. “Em 1975, saímos às quatro e meia da madrugada para uma aventura em família. Estava nevando muito! Paramos em Curitiba e fomos até Cascavel. No outro dia de manhã, fomos a Foz do Iguaçu, onde conhecemos as Cataratas”, lembra Alvise. “Nós não temos juízo, né? Imagine sair a essa hora da madrugada, com um carro derrapando na neve?”

A paisagem era linda e a neve nos vidros maravilhosa. Mas foi perigoso, nos arriscamos colocando cinco filhos na estrada, naquelas condições. Ainda por cima, na volta daquela viagem, todo mundo estava cantando e se sacudindo dentro do carro, quando passamos pelo posto da polícia e eles nos pararam. Quando o policial chegou na janela do carro, disse: ‘o senhor tem uma família muito bonita, vai com mais cuidado’. E não tinha ninguém mais feliz que o nosso filho, Eduardo, porque a polícia tinha nos parado”, conta Valda.

A primeira grande viagem do casal foi em 1988. Embarcaram para a Europa e conheceram nove países. Era uma excursão e estavam com os padrinhos de Alvisé. A viagem foi programada durante outra excursão, para o Nordeste. Alvisé comentou com o padrinho, que era português e havia se mudado para o Brasil ainda pequeno, que tinha vontade de conhecer Portugal. “Quando voltamos do Nordeste, peguei o jornal e tinha uma promoção de excursão para a Europa de 20 dias. Contei e eles resolveram ir junto. Fomos para Portugal, Itália...”, lembra Alvisé, que, dois anos depois, voltou ao continente europeu com Valda para visitar o filho Eduardo, que estava morando na Inglaterra.

Em quase sete décadas de casados teve muito mais: Marrocos, Grécia, Estados Unidos, Argentina, Paraguai e até Liechtenstein, um principado de língua alemã com apenas 25 quilômetros de extensão entre a Áustria e a Suíça. Se tivessem que escolher a melhor viagem, talvez,

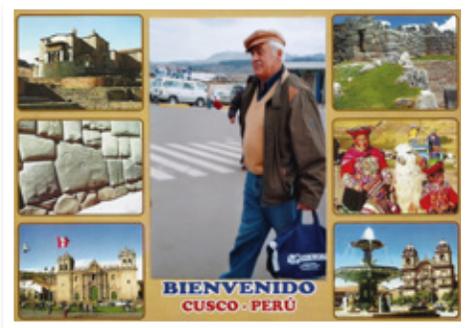
Canadá, por causa das tulipas de Ottawa e Vancouver. “As fotos de lá são lindíssimas, estou no meio de um campo de tulipas. O Canadá é muito lindo. Fomos ao *Niagara Falls*, o que também nos marcou muito”, relembra Valda.

O local que testemunhou o início do romance entre Alvisé e Valda continuou fazendo parte da vida do casal. Os dois seguiram frequentando o Clube Guarany, nos seus bailes de casal, além da sede campestre com as crianças para aproveitar as piscinas no verão.

Além do Baile do Chopp, no Guarany, eles não perdiam o Baile do Papai, no CTG Rincão da Lealdade. O local, aliás, entrou na vida da família e foi importante por muitos anos. O casal integrou a diretoria, e as filhas Liange e Eloisa, foram prendas e o Eduardo, peão. “Fui tesoureiro no Rincão e as garotas dançavam no grupo. Eles as levavam de Kombi, era tudo muito bem organizado. O CTG também recebia o Presidente da República, era sempre lá o almoço”, recorda Alvisé, referindo-se às recepções que o CTG promovia sempre que um presidente vinha a Caxias.



*No Cristo,  
no Rio de Janeiro,  
na década de 1970.*



*Em Cusco, Peru.*



*Refeição juntos na Grécia.*



*No teleférico, em Bariloche.*



*Na praia de Palmas, SC, onde a família adora se reunir.*



*Viagem ao Marrocos.*

## ***Bodas de Ouro***

Todo aniversário de casamento merece ser comemorado, mas as bodas de 50 anos são diferentes, afinal, não é todo casal que consegue atingir a marca. Nessa data, a mesma em que havia o letreiro “Pé na Estrada”, Alvis e Valda escolheram celebrar com a família no hotel Samuara, em Caxias, durante um final de semana. Foi a maneira de reunir toda a família, inclusive os filhos que moram fora e os “agregados”, como são carinhosamente chamados todos os que se casaram, com filhos e netos. “Eu agradeço muito a Deus por essa dádiva que é a nossa família”, emociona-se Valda.

Liange casou-se com Genésio Nollí. Eles deram os primeiros netos para Valda e Alvis: Alex, nascido em 1986, e Andréa, em 1988. Liège casou-se com João Roth e eles tiveram João Pedro, em 1992. Elaine casou-se com Moacir Damasceno e eles foram pais de Ana Terra, em 1995, e João Marcelo, em 1988. Eloisa casou-se com Álvaro Grandó e eles tiveram Laura, em 2000. Já Eduardo e Márcia Garbin tiveram Stella para completar o time de netos, em 2009. Hoje, Eduardo é casado com Michele Borghetti. Alvis e Valda também consideram o enteado de Eloisa (Gabriel) e o enteado de Eduardo (Caetano) como netos do coração.

Os avós dizem que chega a ser difícil explicar a alegria de terem recebido os netos em suas vidas. Agora com mais tempo disponível do que na época em que foram pais e trabalhavam demais, os dois tiveram (e ainda têm) mui-

tos momentos bons com os netos. “Acompanhamos toda a evolução de cada um deles,” orgulha-se Alvisé. Todos estão bem encaminhados em suas carreiras: Alex e João Marcelo são advogados, Andréa é psiquiatra, João Pedro fez Comércio Exterior, Ana Terra e Gabriel são arquitetos e Laura é tradutora. Os mais novos, Stella e Caetano, ainda são estudantes.

Como se já não fosse bom o suficiente ser avós, Valda e Alvisé tornaram-se bisavós e viram o amor da família aumentar ainda mais. O primeiro bisneto, Matheus, chegou em 2018, filho da neta Andréa. Além disso, há alguns bisnetos do coração: Catarina, enteada do neto Alex; Marina, enteada da neta Andréa; além de Lucas e Vinícius, filhos de Gabriel.

É sempre uma ocasião especial quando toda essa grande família se reúne. Isso porque apenas as filhas Eloisa e Liège permaneceram em Caxias. Elaine e sua família moram no Rio de Janeiro, RJ; Liange, em Itajaí, SC; e Eduardo divide-se entre Caxias e Santa Catarina. “Estamos ‘bem espalhados.’ Mas o importante é que o nosso relacionamento é muito bom,” diz Valda, reforçando: “A nossa filosofia de vida é essa: amor pela família. Tivemos momentos muito difíceis em nossa vida, mas os bons foram muito maiores. Eventos com a família, viagens com eles, casamentos, formaturas, nascimentos... Quando a família é boa assim, a vida deslança.”



*Família Francisco, na “casa de trás” onde Alvisé Valda e filhos moraram por alguns anos.*



*Parte da família comemorando as Bodas de Ouro do casal.*



*O bolo em homenagem às muitas viagens.*



*Celebrando os 85 anos do Clube Guarany, que tem lugar especial no coração do casal.*

### ***Receita do sucesso***

Querer ficar junto e querer dar certo são ingredientes importantes para o sucesso de um casamento. Mas não bastam. É preciso que o casal esteja afinado como um violão, em sintonia como uma orquestra. Ambos precisam ter objetivos em comum e acordos bem definidos, caso de Valda e Alvis.

Dinheiro, por exemplo, sempre foi assunto muito sério para os dois. Ambos cresceram em famílias humildes, presenciaram as dificuldades financeiras em casas com os pais

e tiveram que começar a trabalhar muito cedo. No início do matrimônio, viviam com dinheiro contado, mas nunca esmoreceram. Se queriam conquistar a casa própria e dar boas condições de vida aos filhos, precisavam economizar. E neste ponto os dois fecharam muito bem. “Eu acho que tem que se entender economicamente. A Valda trabalhava para ganhar e juntar com o meu. Então, a gente tirava férias, saía, tudo com controle”, diz Alvis. “Tudo sempre foi muito estudado. Vamos fazer isso? Então, vamos calcular. Dá para fazer? Dá. Não dá? Vamos esperar mais um pouco. Se não dá hoje, dá na semana que vem”, completa Valda.

Na educação dos filhos, o casal também precisa estar alinhado. E Valda e Alvis estavam. Os dois, por exemplo, não discutiam na frente deles e sempre estiveram de acordo na imposição de regras e limites. Hoje, porém, Valda acredita que poderiam ter sido menos rígidos, especialmente com as filhas. Mas eram outros tempos e era normal os pais se preocuparem mais. “O Alvis levava nas festas e nós dávamos dinheiro para elas voltarem de táxi, porque, naquela época, não tinha telefone. Lembro que o Alvis levou elas numa festa de 15 anos e, quando voltou, eu abri a porta da garagem e, assim que ele entrou, um táxi encostou com elas dentro. ‘Liangue, o que houve?’, perguntei. ‘Mãe, não dava para entrar lá. As luzes estavam apagadas, os jovens alcoolizados’. A partir daquela noite, me tranquilizei em relação às minhas filhas, pois sabia que elas eram conscientes”, conta Valda.

O zelo até pode ter sido exagerado pelos pais, em al-

guns momentos, mas, graças a ele, o casal criou cinco filhos responsáveis que enchem Valda e Alvisé de orgulho. O cuidado, na verdade, era amor pela família, afinal, não dizem que quem ama, cuida? Foi todo esse cuidado que resultou em uma família unida e com muito carinho. O resultado é sentimento de pura gratidão pela vida que construíram e pelo legado que deixam.

E o segredo para um casamento duradouro como esse?

“Não tem muito segredo”, responde Valda.

“Quem manda aqui é a Valda, ela que sabe de tudo da casa”, completa o marido.



*Os pais e os cinco filhos.*



*“Quando a família é assim, a vida deslancha,” dizem os pais.*



*O casal com os genros e a nora, em 2002: Álvaro, João, Moacir, Genésio (Cako) e Márcia*

## ***Dançando até hoje***

Alvise caminhava até o trabalho na Veronese sem olhar nem para as pedras, muito menos para as moças que ocupavam a calçada da esquina da Vinte de Setembro com a Vereador Mário Pezzi. Timidez, talvez. Valda não deixava de mirar o jovem na esperança de que seus olhares pudessem um dia se cruzar.

Foram muitos encontros desencontrados naquele trecho da Caxias da década de 1950. Valda esperando Alvise passar e torcendo para que ele erguesse a cabeça e olhasse para ela. Alvise nem aí para as gurias e pensando sabe-se lá no que enquanto caminhava reto para o serviço. Apesar da aparente indiferença, Valda tinha fé. O “moreno” seria dela.

Era preciso ter paciência. E Valda teve. Soube esperar e deixou o tempo agir. Deixou que o destino se encarregasse. E ele se encarregou. No dia 3 de julho de 1953, Alvise notou Valda. Finalmente, os olhos de Valda e Alvise se encontraram, como ela tanto desejou. Alvise atravessou o salão em sua direção e, entre tantas moças, escolheu Valda. Dançaram, conversaram, se divertiram. “Ele me convidou para dançar e nós estamos dançando até hoje”, alegre-se Valda.

Bendito o dia que Valda olhou para Alvise na rua. Bendito o dia que Alvise olhou para Valda no baile. Era para ter sido exatamente como foi. E quem garante que Alvise não estava de olho em Valda desde sempre?

### ÁRVORE DOS DESCENDENTES





### ***Frases mais famosas dos vós***

- *Dia de muito, véspera de pouco.*
- *Quem não se contenta com o comer, muito menos o lamber.*
- *Tu és daonde?*
- *Tu não és os outros!*
- *O que os outros vão pensar?*
- *Dinheiro não dá em árvore.*
- *Tô aqui, entre Cacequi e Alegrete.*
- *Falo português em diversos idiomas.*
- *Cachorro ovelheiro, só matando.*
- *Há males que vêm para o bem.*
- *Gozai os prazeres da vida com moderação.*
- *Respeite as pessoas quando estiveres subindo porque poderás encontrá-las quando estiverem descendo.*



### ***Liège Walderez Francisco***

*Tenho o privilégio de ser a primogênita dos 5 filhos, nascida em 27 de outubro de 1957, um ano e meio após nossos pais terem iniciado a vida de casados.*

*A diferença de idade entre meus pais e eu é pequena, e, por isso, minha memória de convivência com ambos é longa.*

*Desde sempre, nos ensinaram os valores e a importância do vínculo familiar, convivência com amigos, estudar para crescer, trabalhar para ter seu próprio sustento, além do respeito e consideração com os vizinhos e de auxiliar amigos ou pessoas em alguma situação mais delicada.*

*Os dois trabalharam desde cedo, e muito!*

*As mudanças de atividades de ambos nos anos 60, fizeram grande diferença na nossa estrutura familiar, para melhor a qua-*

*lidade de vida. Na época, ainda com apenas 3 filhas: eu, Liange e Elaine; morávamos atrás do Colégio Cristóvão, que estava em obras.*

*Um sapato Vulcabras preto servia para ir ao colégio o ano inteiro: “Os pés não cresciam durante o ano naquela época”.*

*Nesse mesmo período, fomos morar na rua Os Dezoito do Forte, no mesmo terreno da casa dos nossos avós paternos, Abrelino e Vergilina (querida vó Filinha), onde convivemos diariamente com os avós, tios, tias e primos. Além da animada “turma da quadra”, brincando na rua até altas horas. Brincadeiras simples e frutas colhidas do pé, além do cheirinho ímpar do pão caseiro e das “corujas” (roscas de milho). Uma infância e adolescência que não têm preço.*

*Das lembranças mais queridas da minha infância, estão as idas para o campo nos finais de semana (no carro do meu padrinho, uns no colo dos outros), ir a pé no domingo à tarde para tomar um sorvete de casquinha na Urca e visitar, às vezes, o meu avô materno Sétimo e a família em Vacaria. As idas tão esperadas para a praia uma vez ao ano, sempre em casa alugada. Bem mais tarde, viagens mais longas – sem usar cinto de segurança no carro, é claro – para a fronteira ou outras cidades, já com meus irmãos Eloisa e Eduardo.*

*O pai e a mãe nos transmitiram a vontade de viajar e de conhecer novos lugares. Reunir a família sempre que possível. E assim somos todos, mesmo morando em cidades diferentes: sempre que podemos nos vemos e nos reunimos para celebrarmos momentos que são especiais.*

*Sinto-me abençoada pelo meu pai Alvoise e minha mãe Valda, pelo amor e cuidado que nos dedicaram, e, claro, as rédeas curtas que nos deram os limites e guiaram nossas escolhas. Amo vocês!*



### ***Eduardo Venzon Francisco***

*Sou o Duda, caçula da família, vim ao mundo após quatro irmãs, todas nascidas entre 1957 e 1966. Enquanto minhas irmãs cresceram na década de 60, eu cheguei na grande década de 70, quando a nossa família já tinha uma bela história. Todos frequentamos a mesma escola, a 50 metros de casa, inclusive o meu pai, o que foi algo especial para mim.*

*Meu pai sempre arranjava tempo para brincar comigo, especialmente até os meus dez anos. Jogávamos futebol, ele consertava a minha bicicleta, e ainda me levava aos escoteiros todos os sábados. Com o tempo, quando cresci, joguei futebol com ele e seus amigos adultos, algo muito importante para mim.*

*Minhas irmãs saíram de casa cedo. Liège e Liange se casaram por volta dos 20 a 22 anos, e minha irmã Elaine se formou muito cedo, mudando-se logo em seguida. Foi então que fiquei em casa com minha irmã Eloisa, a mais próxima de mim. Sempre mantive*

*uma forte ligação com todas as minhas irmãs, cada uma à sua maneira, independentemente da distância – Caxias do Sul, Santa Catarina ou Rio de Janeiro – sempre fomos muito unidos.*

*Minha mãe, por sua vez, foi a base do bom andamento da nossa casa, meu pai às vezes viajava a trabalho e ela estava sempre presente, cuidando de tudo, especialmente da nossa educação e dos afazeres do lar. Os valores que meus pais nos passaram – honestidade, trabalho e respeito ao próximo – moldaram quem somos hoje.*

*Nossa casa, apesar dos eventuais problemas e discussões, era sempre cheia de música e de conversa. Domingo era dia de churrasco. Todos os domingos! Cresci ouvindo tango, música latino-americana, música popular brasileira. Somos uma família que gosta de celebrar juntos. Somos bons de festa, e a música sempre esteve presente em nossas reuniões, tornando a nossa casa um ambiente alegre e animado. No meio disso tudo, também vivemos parte da cultura gaúcha no CTG Rincão da Lealdade. Mas o que sempre nos definiu foi essa união e alegria de estarmos juntos.*

*Hoje, olhando para a família Francisco, que aumentou e cresceu, todos nós viramos pai, mãe, filho, neto, bisneto, sobrinho e primo também! Tenho um imenso orgulho dos meus pais e das minhas irmãs. Celebramos essa linda trajetória de união, amor e apoio mútuo com essa homenagem, reafirmando os valores que nos mantêm sempre próximos, independentemente da distância!*



### ***Elaine Marlova (Pingo)***

*Nossos pais são um elo importante na cadeia entre muitas gerações que nos antecederam e que se prolongam através de nós. Sou a terceira filha desta família em que nossos pais, Alvis e Valda, são presenças fortes e marcantes. Primeiro, sempre foram muito presentes nas nossas vidas e dos nossos filhos, sempre atentos com os cuidados da nossa saúde, comportamento, estudos, trabalho, etc. Segundo, porque nos transmitem valores fundamentais, como a honestidade, a solidariedade, o apreço aos estudos, a dedicação ao trabalho e o direito de passear e viajar sempre que possível!*

*Saí de casa aos vinte anos para trabalhar e estudar em outra cidade. Em algumas situações, talvez, preferissem que eu me mantivesse mais perto, mas, apesar disso, nunca deixaram de me apoiar.*

*Talvez, eles mesmos se dessem conta de que ao incentivar a nossa busca por independência financeira, através do estudo e do trabalho, e pelo fato de terem nos incentivado desde cedo o gosto pelos passeios e viagens, seria inevitável que alguns de seus filhos voassem mais longe.*

*Portanto, sou muito grata a eles por tudo isso e pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida e da minha família!*

*Posso dizer que, por meio da nossa convivência, eu guardo uma certeza que deve ser comum aos meus irmãos: de que meus pais são como um farol que ilumina os meus caminhos e são meu porto seguro, para onde sempre posso voltar.*

*Eu desejo que eu possa ser o mesmo para os meus filhos.*

*Pai e Mãe, amo muito vocês!*

*Gratidão!*



### ***Eloisa Venzon Francisco***

*A cada ano que a vida me permite andar mais longe, reflito mais e mais sobre a minha origem, a minha educação, a minha infância, a minha trajetória e o somatório disso tudo, que é o que me trouxe até aqui.*

*Minhas lembranças são coloridas e cálidas. Sou a filha do milagre econômico, como gosta de brincar a família. Quarta filha, caçula por 4 anos, até nascer o Duda. Uma casa de muitos filhos é sempre agitada. Sempre tinha pessoas, parentes, conversas, alegria, mas também discussões.*

*O pai e a mãe sempre se esforçaram muito para que tivéssemos tudo o que mais importa. Não mediram esforços para educar os seus 5 filhos, para nos ajudar na educação. Eu lembro da mãe dizer que o maior sonho dela seria ver os filhos formados. E ela viu, todos os 5*

*filhos e todos os netos com idade para tal. E, entre tantas coisas para falar, quero contar um pouco da minha relação com os livros porque é uma das minhas mais queridas memórias: ganhar livros de presente quando os pais viajavam. Na nossa casa, tinha um escritório e, em uma estante, moravam meus mais amados amigos.*

*Lembro bem quando comecei a estudar no Emílio Meyer, do prazer que eu tinha em ir à biblioteca, ensolarada, abarrotada de livros e poder escolher e levar o que eu queria para casa. E eu sou assim até hoje, uma compradora compulsiva de livros, que compra muito mais do que consegue ler!*

*E isto se deve muito ao incentivo que eu tive tanto da parte do pai, quanto da mãe. Quando a gente olha para trás e vê que, quando eu era pequena, os dois tinham estudado por poucos anos, pois tiveram que largar os estudos para trabalhar e o quanto eles nos incentivaram a estudar, a gostar de ler, a sermos curiosos diante da vida, a gente tem uma dimensão do presente que isto foi.*

*Eu sou imensamente feliz e grata pela família que temos – nós, pai, mãe, Lica, Lia, Naine, Isa e Duda – e pela família que construí, junto com o Álvaro e a Laura. Sei que a minha família, aqui de casa, tem muito do que o Seu Alvoise e a Dona Valda passaram para os filhos. Tem muito do amor e do apoio que recebi ao longo da vida, dos meus pais, das minhas irmãs e irmão. Eu me sinto totalmente segura, confiante e amada porque tenho uma FAMÍLIA pra chamar de minha.*

*Em janeiro, mais uma vez, vamos nos reunir na praia de Palmas e espero que possamos estar todos juntos para comemorar este lindo presente que chamamos de VIDA.*

*Amo muito muito todos vocês.*

*Isa*



### ***Liange Fátima Francisco Noll***

*Dos meus Pais, sou a segunda filha - Liange.*

*Conforme a idade avança, reconheço em mim os princípios e os valores que nossos pais nos passaram firmemente.*

*Estudar, trabalhar e conquistar autonomia.*

*A preferência pelas viagens e pela praia nas férias. Alegria nos encontros da família.*

*Responsabilidade com os compromissos e consideração pelas pessoas.*

*Ouvir música, dançar, aprender outros idiomas, fazer tricot. Terminar o que se começa. Cuidar da própria vida e não da vida dos outros. Viver com responsabilidade.*

*Num certo ano, tive a alegria de promover esses Pais ao status de Avós. E vimos eles derreterem o rigor em carinho e dedicação aos netos.*

*Ainda hoje, acompanham o que acontece com todos nós, participam e se preocupam.*

*É uma dádiva sermos essa família!*

*E surgem lembranças tão vívidas, como: dividir uma barra de chocolate entre todos nós. Andar de bicicleta. Uma volta cada um. Usar o mesmo perfume! Jogar Ludo! Práticas que nos proporcionaram viver a infância e adolescência com muita alegria!*



### ***Stella Garbin Francisco***

*Vô e vó, vocês são extremamente especiais pra mim, dentro de mim carrego várias lembranças inesquecíveis de quando ia jantar com vocês. Cantando com o vô e escutando as histórias de quando a vó era pequena e de quando dormia na cama "40 de maio" e acordava com um café da manhã maravilhoso. Vocês são um exemplo de força e resiliência para mim.*

*Amo vocês infinitamente.*



### **Laura Venzon Francisco Grandó**

*Sou a penúltima das netas, filha da Eloisa (a filha “caçula”) e do Álvaro (o genro que comia pêras), nascida no inverno frio de 2000. Minha primeira lembrança dos dois é anuviada, não lembro da cena em específico, só da voz cheia de ternura da vó me chamando: “tesouro da vovó”, e da voz macia do vô evocando esse mesmo apelido: “tesouro do vovô”. Embora não haja uma imagem junto ao som, consigo sentir o abraço quentinho dos dois, que me envolvia enquanto me acarinhavam, e o amor que sempre transbordou deles.*

*Talvez eu não tenha sido a neta que mais passou tempo com eles durante a infância (confesso que tenho uma invejinha do Jota e do Alex), mas várias foram as tardes em que fui no apartamento deles depois da escola, onde muito brinquei na sala com a memorabilia de viagens que lá havia, enquanto o vô lia o jornal e a vó via novela com o crochê nas mãos. Sempre gostei de ser parceira da vó nas novelas – na praia, quando todos dormiam de tarde, ficávamos juntas na sala, assistindo a programação inteira da Globo, desde o “Vale a pena ver de novo” até a novela das 20h.*

*Quando me formei na escola, fui morar em Porto Alegre para fazer faculdade, o que trouxe certa distância entre nós – nos víamos apenas em minhas visitas mensais à Caxias, e olhe lá. Porém, quando veio a terrível pandemia de 2020, as aulas foram suspensas e voltei para a casa dos pais. Parecia que tudo estava perdido: dias e dias sem sair de casa, medo, notícias tristes, tédio. Mas junto de tantas coisas ruins, uma luz passou a iluminar minhas semanas. Ou melhor, duas luzes: passei a visitar semanalmente o vô e a vó. Afinal, nós três éramos os únicos que não saímos de casa, os mais efetivamente de qua-*

*rentena. No início, ia só para almoçar. Depois, comecei a passar as tardes também. Às vezes, ia duas vezes na semana. Mas, geralmente, chegava na quinta de manhã, e só ia embora no fim do dia. Foi um dos maiores presentes que ganhei da vida, e sei que, se não fosse o Covid, não teria vivido tão doces tardes com eles.*

*Nesses dois anos, tomamos muito café da tarde, joguei muito sudoku enquanto o vô lia o jornal e a vó fazia crochê, batemos muitos e muitos papos – com assuntos dos mais variados – e ganhei aulas de tricô com a Valdinha. Eu sou muito grata a eles, tenho certeza que me salvaram. Ver eles era a maior alegria da minha semana. O vô e a vó têm tantas histórias incríveis para contar: da infância deles, do início do casamento, das viagens, da família, dos amigos e vizinhos, dos anos da juventude, dos causos de Caxias – e eu tive o privilégio de ouvir cada uma delas. Várias, inclusive, nem minha mãe sabia. Nós três tínhamos nosso clubinho secreto, viramos confidentes uns dos outros.*

*Uma coisa é conhecer seus avós como seus avós. Acho que era assim que os conhecia antes disso. Hoje, posso dizer que os conheço como pessoas, como Alvoise e como Valda, pois eles me convidaram a entrar em suas vidas, a conhecer as partes boas que viveram e as partes ruins também. E posso dizer que eu os amo, não só como avós, mas como pessoas também, e que sou grata por ter cruzado com eles nessa vida.*

*Agora, estou de volta em Porto Alegre, mas sempre que volto, eles estão me esperando com o café da tarde e as tão boas conversas. Estamos longe uns dos outros, mas eles estão sempre comigo. São os “tesouros da netinha” aqui. Suas histórias me acompanham, o sangue deles também flui em mim, seus ensinamentos me guiam. Mas ainda assim, nada supera ouvir suas vozes, sentir seus abraços e ouvir o tão querido apelido que me deram saindo de suas bocas.*

*Vô e Vó, eu amo vocês, meus tesouros.*



### **João Pedro Roth**

*Fui o terceiro neto, mas o primeiro a nascer e viver perto. E como os próximos dois netos também estariam longe, por quase dez anos, tive o privilégio de receber sozinho o amor de um vô e uma vó presentes, dedicados e felizes. Na árdua rotina industrial de meus pais, Alvis e Valda atuaram como fiéis escudeiros para me buscar na escola, alimentar (e muito!) o guri esfomeado, acolher nas noites de véspera de aniversário, estar em todos os momentos e, principalmente, levar junto nas inúmeras viagens a Santa Catarina, Gramado e tantos outros destinos, mostrando o quão boa pode ser a vida.*

*O amor de vô se manifestou nas suas mais dedicadas formas: no banho de pano quente no inverno gelado, no sabor do purê de batata, do feijão, do risoto de frango, na felicidade ao me ver com todas as panelas nos degraus da escada... naquela mão que, mesmo calejada pelo trabalho árduo de décadas, sempre fez carinhos suaves e amorosos, e na sabedoria espiritual que hoje é tão fundamental para mim.*

*Já o amor de vô foi sentido na empolgação de me ensinar a caminhar. nos desenhos incríveis. na disciplina em tudo que se*

*faz, na paixão pelos carros, no apreço pelas pessoas de caráter e na vontade de sempre ir mais além, mostrando que o mundo sim está ao nosso alcance. Essa figura incrível que chamo de avô rompeu barreiras ao ir para os Estados Unidos ainda em 1963, numa missão com diversos significados políticos, econômicos e sociais – conseguiu inclusive presentear o Presidente Kennedy! – e tive a sorte de repetir a experiência exatos 50 anos depois, numa espécie de honra ao legado de desbravar o mundo e ir atrás dos nossos sonhos.*

*Além das jornadas individuais que, literalmente, rendem um livro, juntos, construíram uma vida maravilhosa, que eternizamos nesta obra. Talvez a maior lição que aprendi com a guria que começou a trabalhar aos 7 anos e com o piá que limpava os ônibus antes do turno de cobrador é que, quaisquer as dificuldades que surjam no caminho, é possível transformá-las em ações e resultados que nos façam chegar onde queremos, levando conosco as pessoas que amamos.*

*Levo a melhor herança que se pode ter: me ensinaram a amar o mundo e querer sempre descobrir novas culturas, pessoas e fronteiras, para que nos tornemos seres mais completos, tolerantes e felizes, daqueles que agregam ao universo e vivem com o coração.*



### ***Alex Francisco Noll***

*Sou o primeiro neto. Ou seja, tive a sorte de ter o Vô e a Vó “só para mim” por bastante tempo. E, logo em seguida, veio minha irmã. Ou seja, os netos moravam longe, mas juntos, o que motivava várias visitas deles a Itajaí. E como minha mãe não se desfez das raízes, fazíamos visitas ao Rio Grande do Sul, uma ou duas vezes ao ano. Então, posso dizer que tive um convívio bem próximo deles na infância.*

*Eles sempre foram muito carinhosos e atenciosos comigo. Realmente foram “Vô e Vó”, dando afeto, carinho e lições, quando precisava.*

*Com o Vô, aprendi a “dar valor ao dinheiro”. Graças a isso, ganhou o apelido de “controlão”, porque não me deixou gastar toda a mesada na primeira semana, quando passei férias em Caxias. Seu Alwise sempre foi afetuoso e brincalhão, falando ver-sinhos, cantarolando ou falando em outro idioma. É um grande exemplo de pai e de avô.*

*Com a Vó, aprendi muitas coisas “da vida”. Sempre com um ensinamento profundo, normalmente trazido com uma história calma e numa voz tranquila. Dona Valda é um poço de conhecimento e sabedoria, com suas palavras cruzadas e seus quebra-cabeças.*

*E, na fase adulta, tentei ser mais presente, tentando visitá-los uma ou duas vezes por ano. E, nisso, minha esposa tem grande participação. Primeiro, por adorá-los também (e tê-los como avós emprestados); segundo porque meu Vô descobriu que a Rafaela amou o “abraçadinho”, fazendo com que cada visita comece ou termine com esse prato.*

*Sou muito feliz por fazer parte da história desses dois seres tão especiais e iluminados, que tiveram o dom de criar uma família grande, amorosa e próspera.*



### **•Andréa Nollli Malluta**

*Tive o prazer de fazer a estreia do time feminino de netas destes avós tão especiais.*

*Da infância ficaram as memórias doces das férias prolongadas em Caxias, em que o Vô me deixava comer grissini antes do almoço e a vó tirava as minhas medidas para fazer roupas lindas de tricô. Outra lembrança carinhosa que tenho é a de cantarolar embaixo da mesa da sala e clamar por salgadinhos de janta para alimentar bem meu vô, sem nenhum interesse, claro.*

*Por morar em Santa Catarina, os encontros não eram tão frequentes quanto eu gostaria, mas eram extremamente frequentes, se considerarmos a dificuldade das estradas naquela época... Foram milhares de quilômetros que esta dupla amada fez ao longo de todos estes anos para que se fizessem presentes em nossas vidas e também por isso serei eternamente grata. Só nós sabemos o quanto ter vocês por perto transformava positivamente nossos dias.*

*E não bastasse ter sido a primeira neta mulher, eu ainda tive a imensa honra de transformá-los em bisavós! O sorriso largo da Vó Valda e a expressão de surpresa do Vô Alvoise quando*

*demos a notícia de que o Matheus estava a caminho é uma das imagens de maior alegria e amor que tenho guardada no meu coração. Com certeza são os bisos mais especiais que o Matheus poderia ter. Trocamos muitas mensagens e áudios divertidos e amorosos para que mesmo quando longe, geograficamente, possamos nos sentir pertinho.*

*Sabe, quando contei sobre a vinda do Matheus, a vó ficou muito feliz e disse baixinho “achei que não daria tempo de ser bisa!” Mas deu tempo, Vó! Deu tempo, Vô! Deus nos deu esse tempo. Deus nos deu vocês e sem vocês esta família não existiria. Deus tem providenciado um caminho de luz, saúde e dignidade para que possamos curtir muito vocês.*

*E se tem algo que aprendi com vocês, Vô e Vó, é a importância de ter Deus no coração. De exercitar a caridade, a paciência, de plantar amor para colher estes momentos felizes. Obrigada por serem tanto e por serem desde sempre, meus queridos avós.*

*Com carinho, Andréa.*



### **Ana Terra Venzon Francisco Damasceno**

*Não tenho muitas memórias da minha infância antes do meu irmão vir ao mundo, tampouco do meu nascimento, mas já ouvi as histórias muitas vezes. Nasci num parto complicado de um réveillon carioca muito quente, sob a expectativa de uma vó Valda que representava, ansiosa, “toda família do Sul” e de um pai eufórico que esperava a chegada da primeira filha.*

*Enquanto que meu “povo do Sul”, cada vez mais volumoso, precisa de uma árvore genealógica para ser explicado e compreendido, nosso núcleo familiar no Rio de Janeiro sempre foi pequeno: nós quatro, nossa tia Dedê (que se mudou para Londres quando eu tinha sete anos), minha dinda Ângela e a vovó Leonor. Eu descobri logo cedo que nossa família não é só a de sangue, que temos família e porto seguro em pessoas que o destino coloca em nossas vidas... como é o caso da minha Dinda e da Vó Leonor, que me criaram e me cuidaram como se partilhássemos da mesma genética.*

*Esse contraste sempre marcou bastante minha infância: No dia a dia, um núcleo familiar conciso e discreto; Nas tão esperadas férias para o Sul, uma família de muitas tias, tios, primas, primos e agre-*

*gados. Aquela bagunça organizada gostosa que a gente ama. E aí, eu descobri também que, mesmo numa família de sangue grande e volumosa como a nossa, é possível fazer prevalecer o amor, a admiração, o respeito, o cuidado... e que sempre há espaço para mais um, como eu sempre vi acontecer nos momentos em que estávamos juntos em família. Tenho para mim que esses valores e hábitos ensinados e estimulados pelo casal que começou essa Grande Família que somos hoje são os grandes responsáveis por sermos, de fato, uma família tão especial e unida, que enche de orgulho cada membro e que não trocaríamos por nenhuma outra.*

*É fato também que a distância nunca impediu que Valda e Alvoise se fizessem presentes. Como meus avós paternos faleceram anos antes do meu nascimento, então Vó Valda e Vô Alvoise sempre foram minha referência de “casal de avós”. Uma baita referência. Sempre muito responsáveis, honestos, joviais, alegres e bem aventurados, independente do bom ou mau tempo. Lembro das diversas visitas que recebemos desse casal viajante e dos passeios que fizemos pelo Sudeste do país. Vovô sempre trazendo notícias e contando causos que ensinavam alguma lição e Vovó com seu colo cheiroso, quentinho e estrelado, nos estimulando a aprender coisas novas com sua própria curiosidade e vocação em estudar e despertar novas habilidades.*

*Lembro das diversas vezes em que Vovó me pediu desculpas por “não ser dessas avós que cozinha para os netos e vive dando presentes”, quando estávamos juntas montando algum quebra cabeça ou fazendo palavras cruzadas. Minha resposta sempre foi mental, pois nunca soube direito como dizer que receita a gente encontra na internet e que ter uma família unida, que se ama, se cuida e se apoia apesar das diferenças, é um presente que dinheiro nenhum é capaz de comprar.*

*Por isso, me sinto eternamente grata e honrada por ter vocês, Alvoise e Valda, como avós.*

*Com muito amor, da sua neta cariúcha, Ana Terra.*



***João Marcelo Francisco Damasceno***

*Vô e Vó,*

*Quero dedicar a vocês essa mensagem como uma pequena forma de expressar o imenso carinho e gratidão que sinto. Mesmo com a distância que nos separa, o amor e os ensinamentos que me deram sempre estiveram presentes, moldando a pessoa que sou hoje. Lembro de cada palavra de sabedoria, cada conselho, cada gesto de afeto, e sou eternamente grato por tudo o que me passaram.*

*Vocês me ensinaram a importância da família, do respeito, e de viver com integridade. Mesmo de longe, vocês continuam sendo uma inspiração constante, e eu levo comigo as lições valiosas que me deram. O carinho de vocês me fortalece e me faz sentir abençoado por ter avós tão especiais. Obrigado por todo o amor incondicional, pela paciência e por sempre estarem ao meu lado, mesmo quando fisicamente distantes.*

*Com muito amor, João Marcelo*



